

# Filosofia platônica

## CIÊNCIAS HUMANAS

Competência(s):  
1, 2, 3, e 4

Habilidade(s):  
1, 7, 9, 15, 16 e 18

# AULAS 4

### VOCÊ DEVE SABER!

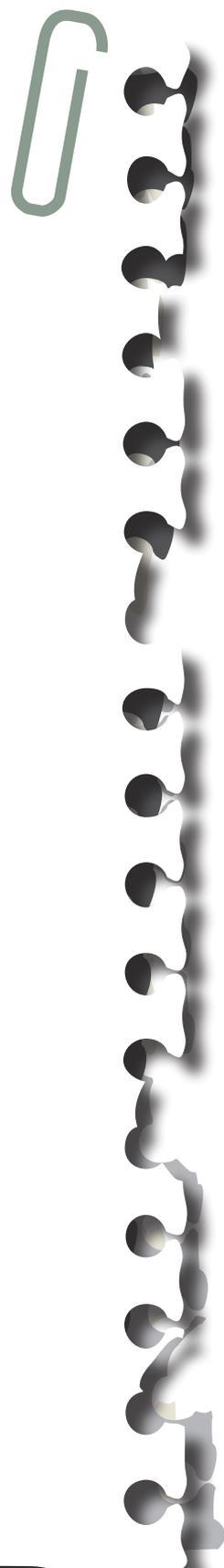
---

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

### MAPEANDO O SABER

---

# ANOTAÇÕES



## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

1. (UEPA 2015) Leia o texto para responder à questão.

Platão:

A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente.

(Citado por: CHATELET, F. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17)

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

- oligarquia
  - república
  - democracia
  - monarquia
  - plutocracia
2. (UECE 2022) “Começando por Homero, todos os poetas são imitadores da imagem da virtude e dos restantes assuntos sobre os quais compõem, mas não atingem a verdade. O poeta, por meio de palavras e frases, sabe colorir devidamente cada uma das atividades técnicas, sem entender nada delas, sabendo apenas imitá-las.”
- PLATÃO. *República*, 600e-601a. – 9 ed. Trad. port. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. – Adaptado.
- Com base na passagem acima, é correto afirmar que, para Platão,
- os poetas expressam outra verdade, distinta do saber técnico e das virtudes humanas.
  - a imitação da imagem das virtudes e das técnicas não é um conhecimento certo delas.
  - não é possível um conhecimento verdadeiro sobre as virtudes e as diversas técnicas.
  - a poesia imitativa fala corretamente sobre os conhecimentos técnicos, mas em versos.

3. (UECE 2022) “A teologia, para mim, é uma grandeza cultural na história da cultura do Ocidente. Creio que é uma grandeza constitutiva da tradição, sobretudo, filosófica: o termo ‘teologia’ nasceu da filosofia, é um termo criado por Platão. [...] Quando a filosofia ultrapassa o domínio daquilo que, de alguma maneira, é diretamente acessível à experiência e controlado por ela, entra neste domínio que Platão chama de ‘suprassensível’, inteligível, ou como quer que seja. Este é, para mim, um domínio no qual o problema teológico se apresenta inevitavelmente, porque se apresenta o problema da ordem das realidades e toda ordem supõe um princípio ordenador, tornando-se então, de alguma maneira, uma teologia.”

VAZ, Henrique Claudio de Lima. *Filosofia e forma da ação*. Entrevista a Cadernos de filosofia alemã, 2, p. 77-102, 1997.

Na passagem acima citada, o filósofo brasileiro H. C. de Lima Vaz (1921-2002) apresenta uma interpretação do pensamento filosófico como uma teologia. Recorrendo à filosofia de Platão para explicar essa sua interpretação, ele termina por nos oferecer uma interpretação da própria *teoria platônica das ideias*, que seria uma espécie de teologia, porque

- mostra como os deuses gregos não são corpóreos, mas espirituais.
  - é a base da posterior teologia revelada dos pais da Igreja cristã.
  - apresenta os princípios inteligíveis ordenadores da realidade natural e ética.
  - afirma que não existe realidade sensível, mas apenas a suprassensível.
4. (UECE 2021) No livro X de *A República*, encontra-se a seguinte afirmação de Sócrates em um diálogo com Glauco acerca da *poiesis* (produção, fabricação, poesia) e da *mimesis* (imitação):

“Acaso não existem três formas de cama? Uma que é natural, e da qual diremos, segundo entendo, que Deus a confeccionou. Ou que outro Ser poderia fazê-lo? [...] Outra, a que executou o marceneiro. [...] Outra, feita pelo pintor. Ou não? [...] Logo, pintor, marceneiro, Deus, esses três seres presidem aos tipos de cama”.

Platão. *A República*, 597b. Trad. port. Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª edição. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001. Adaptado.

Apoiando-se na citação acima, que é ilustrativa da concepção platônica da *poiesis* e da *mimesis*, bem como de sua crítica da pintura, da poesia trágica, dentre outras, e no conhecimento a respeito do tema, assinale a proposição verdadeira.

- O marceneiro e o pintor produzem imitando.
- Os três tipos de produção são miméticas.
- Somente Deus produz, os outros imitam.
- Somente o pintor imita, mas não produz.

## 5. (UEL 2021) Leia o texto a seguir

Não devemos admitir que também o discurso permite uma técnica por meio da qual se poderá levar aos ouvidos de jovens ainda separados por uma longa distância da verdade das coisas, palavras mágicas, e apresentar, a propósito de todas as coisas, ficções verbais, dando-lhes assim a ilusão de ser verdadeiro tudo o que ouvem e de que, quem assim lhes fala, tudo conhece melhor que ninguém?

PLATÃO. *Sofista*. 234c. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 160. Coleção Os Pensadores

Com base no texto e nos conhecimentos da análise de Platão sobre a técnica retórica dos sofistas, assinale a alternativa correta.

- Ensinavam uma técnica argumentativa na qual os jovens facilmente percebiam a verdade e a mentira nos discursos dos oradores.
  - Eram professores de oratória apreciados por Platão porque argumentavam com rigor lógico e preocupação ética.
  - Ensinavam a validar com coerência lógica qualquer argumento válido e, por isso, sua técnica discursiva habilitava a distinguir o falso do verdadeiro.
  - Tornavam qualquer opinião convincente com sua técnica discursiva, sem se preocupar com a distinção do verdadeiro ou ético de seus contrários.
  - Eram sábios e mestres de uma técnica retórica que apresentava opiniões persuasivas e, por isso, verdadeiras e éticas.
6. (UNISC 2021) Platão, um dos grandes pensadores da Antiguidade, nos legou mais de 30 obras escritas. A maioria delas em forma de diálogos. Em uma dessas obras, denominada *República*, Livro VII, ele descreveu a “alegoria da caverna” (também conhecida como “mito da caverna”).

Assinale a alternativa que indica de forma correta os dois temas principais da alegoria da caverna descrita por Platão na *República*

- a justiça na cidade ideal e o poder econômico dos reis e magistrados.
- o conhecimento verdadeiro e o poder político.
- o amor como condição para a felicidade e a justiça na cidade ideal.
- a guerra contra Tróia e o poder político.
- a felicidade humana e a justiça na cidade ideal.

7. (ENEM PPL 2021) Os verdadeiros filósofos, tomados senhores da cidade, sejam eles muitos ou um só, desprezam as honras como as de hoje, por julgá-las indignas de um homem livre e sem valor algum, mas, ao contrário, têm em alta conta a retidão e as honras que dela decorrem e, julgando a justiça como algo muito importante e necessário, pondo-se a serviço dela e fazendo-a crescer, administram sua cidade.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (adaptado).

No contexto da filosofia platônica, o texto expressa uma perspectiva aristocrática acerca do exercício do poder, uma vez que este é legitimado pelo(a)

- prática da virtude.
  - consenso da elite.
  - decisão da maioria.
  - riqueza do indivíduo.
  - pertencimento de sangue.
8. (ENEM PPL 2020) Se os filósofos não forem reis nas cidades ou se os que hoje são chamados reis e soberanos não forem filósofos genuínos e capazes e se, numa mesma pessoa, não coincidirem poder político e filosofia e não for barrada agora, sob coerção, a caminhada das diversas naturezas que, em separado buscam uma dessas duas metas, não é possível, caro Glaucon, que haja para as cidades uma trégua de males e, penso para o gênero humano.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

A tese apresentada pressupõe a necessidade do conhecimento verdadeiro para a

- superação de entraves dialógicos.
  - organização de uma sociedade justa.
  - formação de um saber enciclopédico.
  - promoção da igualdade dos cidadãos.
  - consolidação de uma democracia direta.
9. (UFU 2020) A Alegoria da Caverna expõe, em forma de imagem, alguns dos conceitos mais importantes do pensamento platônico, dentre eles os conceitos de *doxa* e *episteme*. Assinale a alternativa que apresenta a descrição correta desses dois conceitos.
- Conhecimento falso, limitado às aparências e aos sentidos, baseado na multiplicidade; conhecimento verdadeiro, alcançado pela dialética, busca conhecer o que é uno e imutável.
  - Conhecimento verdadeiro, baseado nas aparências e nos sentidos, busca a multiplicidade dos seres; conhecimento falso, baseado na dialética, busca conhecer o uno e o múltiplo.
  - Conhecimento falso, baseado na dialética, busca atingir sempre a unidade da essência para superar as aparências; conhecimento verdadeiro, baseado só nos sentidos do corpo.

- d) Conhecimento relativo, nem verdadeiro, nem falso, baseado na sensibilidade e na dialética; concebe que a verdade emerge do múltiplo para o uno, a saber: as aparências.

10. (UECE 2019) Leia, abaixo, uma passagem do diálogo de Platão, intitulado *Fédon*, em que Sócrates expõe a Símiias sua teoria da verdade:

“SÓCRATES – Quando é que a alma atinge a verdade? Temos de um lado que, quando ela deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente.

SÍMIAS – Dizes uma verdade.

SÓCRATES – Não é, pois, no ato de raciocinar, e não de outro modo, que a alma apreende, em parte, a realidade de um ser?

SÍMIAS – Sim”.

PLATÃO. *Fédon*, 65b-c. Tradução de Jorge Paleikat e João da Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Coleção Os Pensadores.

Com base nessa passagem do diálogo, é correto afirmar que

- a) o que é verdadeiro para o pensamento é verdadeiro para a sensibilidade.
- b) o que é verdadeiro para a sensibilidade é verdadeiro no real, no ser.
- c) o que é verdadeiro para o pensamento é verdadeiro no real, no ser.
- d) sensibilidade e pensamento atingem ambos a verdade do ser, do real.

11. (UEL 2019) Há uma passagem célebre na obra *A República*, de Platão, em que o filósofo afirma:

Enquant]o os filósofos não forem reais nas cidades, ou os que agora chamamos reis e soberanos não forem filósofos genuínos e capazes, proporcionando a junção do poder político com a filosofia, não haverá termo para os males das cidades, nem, segundo penso, para os do gênero humano.

Adaptado de: PLATÃO, *A República* (Livro VII, 473 d). 7a. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p. 252.

Com base nessa passagem e considerando a realização da justiça na cidade ideal pensada por Platão em *A República*, explique como ele concebe a necessidade de que os governantes sejam filósofos ou dedicados à filosofia .

12. (UEL 2019) Leia o texto a seguir.

Os melhores de entre nós, quando escutam Homero ou qualquer poeta trágico a imitar um herói que está aflito e se espria numa extensa tirada cheia de gemidos, ou os que cantam e batem no peito, sabes que gostamos disso, e que nos entregamos a eles, e os seguimos, sofrendo com eles, e com toda seriedade elogiamos o poeta, como sendo bom, por nos ter provocado até o máximo, essas disposições. [...] Mas quando sobrevém a qualquer de nós um luto pessoal, reparaste que nos gabamos do contrário, se formos capazes de nos mantermos tranquilos e de sermos fortes, entendendo que esta atitude é característica de um homem [...]?

PLATÃO. *A República*. 605 d-e. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 12. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. p. 470.

Com base no texto, nos conhecimentos sobre *mimesis* (imitação) e sobre o pensamento de Platão, assinale a alternativa correta:

- a) A maneira como Homero constrói seus personagens retratando reações humanas deve ser imitada pelos demais poetas, pois é eticamente aprovada na Cidade Ideal platônica.
- b) O fato de mostrar as emoções de maneira exagerada em seus personagens faz de Homero e de autores de tragédia excelentes formadores na Cidade Ideal pensada por Platão.
- c) Reagir como os personagens homéricos e trágicos é digno de elogio, pois Platão considera que a descarga das emoções é benéfica para a formação ética dos cidadãos.
- d) Poetas como Homero e autores de tragédia provocam emoções de modo exagerado em quem os lê ou assiste, não sendo bons para a formação do cidadão na Cidade Ideal platônica.
- e) A imitação de Homero e dos trágicos das reações humanas difere da dos pintores, pois, segundo Platão, não estão distantes em graus da essência, por isso podem fazer parte da cidade justa.

13. (UNIOESTE 2018) Segundo a conhecida alegoria da caverna, que aparece no Livro VII da *República*, de Platão, há prisioneiros, voltados para uma parede em que são projetadas as sombras de objetos que eles não podem ver. Esses prisioneiros representam a humanidade em seu estágio de mais baixo saber acerca da realidade e de si mesmos: a *doxa*, ou “opinião”. Um desses prisioneiros é libertado à força, num processo que ele quer evitar e que lhe causa dor e enormes dificuldades de visão (conhecimento). Gradativamente, ele é conduzido para fora da caverna, a um estágio em que pode ver as coisas em si mesmas, isto é, os fundamentos eternos de tudo o quê, antes, ele via somente mediante sombras. Esses fundamentos são as Formas. Para além das Formas, brilha o Sol, que representa a Forma das Formas, o Bem, fonte essencial de todo ser e de todo conhecer e unicamente acessível mediante intuição direta.

Com base nisso, responda à seguinte questão: se chegamos ao conhecimento das Formas mediante a dialética, que é o estabelecimento de fundamentos que possibilitam o conhecimento das coisas particulares (sombras), é CORRETO dizer:

- para Platão, a dialética é o conhecimento imediato (*doxa*) dos objetos particulares.
- o Bem é um objeto particular, que pode ser conhecido sensivelmente, de modo imediato e indolor, por todos os seres humanos.
- as Formas são somente suposições teóricas, sem realidade nelas mesmas.
- a dialética, que não é o último estágio do ser e do conhecer, permite chegar, mediante um processo difícil, que exige esforço, às coisas em si mesmas (Formas).
- a dialética, último estágio do ser e do conhecer, permite chegar, mediante um processo difícil, ao conhecimento do Bem.

14. (UFU 2018) Considere o seguinte trecho

“No diálogo Mênon, Platão faz Sócrates sustentar que a virtude não pode ser ensinada, consistindo-se em algo que trazemos conosco desde o nascimento, defendendo uma concepção, segundo a qual temos em nós um conhecimento inato que se encontra obscurecido desde que a alma encarnou-se no corpo. O papel da filosofia é fazer-nos recordar deste conhecimento”

MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. p. 31.

Nesse trecho, o autor descreve o que ficou conhecido como

- a teoria das ideias de Platão.
- a doutrina da reminiscência de Platão.
- a ironia socrática.
- a dialética platônica.

15. (UEL 2017) Leia a tirinha e o texto a seguir para responder à questão.



Hagar – Dik Browne

Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes. Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

PLATÃO, *O primeiro Alcibiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2004. p. 281-285.

Com base na tirinha, no texto e nos conhecimentos sobre a ética e a política em Platão, assinale a alternativa correta.

- A virtude individual terá fraca influência sobre o governo da cidade, já que a administração da cidade depende da qualidade de seus cidadãos.
- Justiça, sabedoria e virtude resultam da opinião do legislador sobre o que seria melhor para a cidade e para o indivíduo.
- O indivíduo deve possuir a virtude antes de dirigir a cidade, pois assim saberá bem governar e ser justo, já que se autogoverna.
- Para se iniciar em política, primeiro é necessário o poder absoluto para fazer o bem para a cidade e a si próprio.
- Todo conflito desaparece em uma cidade se a virtude fizer parte da administração, mesmo que o dirigente não a possua.

16. (UNESP 2017) Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros há um caminho em que homens transportam estatuetas (pequenas estátuas) de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas. Por causa da luz da fogueira, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas atrás de um muro, mas sem poderem ver as próprias estatuetas nem os homens que as transportam. Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado?

Marilena Chauí. *Convite à filosofia*, 1994. Adaptado.

Na alegoria da caverna, a qual figura típica da filosofia de Platão correspondem os seres humanos aprisionados? E o prisioneiro que se liberta das algemas? Explique o significado filosófico dessas duas figuras.

17. (ENEM PPL 2016) Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: “Este objeto que estou vendo agora tem tendências para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior”. Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.

PLATÃO, *Fédon*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Na epistemologia platônica, conhecer um determinado objeto implica

- estabelecer semelhanças entre o que é observado em momentos distintos.
- comparar o objeto observado com uma descrição detalhada dele.
- descrever corretamente as características do objeto observado.
- fazer correspondência entre o objeto observado e seu ser.
- identificar outro exemplar idêntico ao observado.

18. (UEL 2015) Leia o diálogo a seguir.

Glauco: – Que queres dizer com isso?

Sócrates: – O seguinte: que me parece que há muito estamos a falar e a ouvir falar sobre o assunto, sem nos apercebermos de que era da justiça que de algum modo estávamos a tratar.

Glauco: – Longo próêmio – exclamou ele – para quem deseja escutar!

Sócrates: – Mas escuta, a ver se eu digo bem. O princípio que de entrada estabelecemos que devia observar-se em todas as circunstâncias, quando fundamos a cidade, esse princípio é, segundo me parece, ou ele ou uma das suas formas, a justiça.

PLATÃO. *A República*. 7.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p.185-186.

Com base nesse fragmento, que aponta para o debate em torno do conceito de justiça na obra *A República* de Platão, explique como Platão compreende esse conceito.

19. (ENEM PPL 2015) Suponha homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, cuja entrada, aberta à luz, se estende sobre todo o comprimento da fachada; eles estão lá desde a infância, as pernas e o pescoço presos por correntes, de tal sorte que não podem trocar de lugar e só podem olhar para frente, pois os grilhões os impedem de voltar a cabeça; a luz de uma fogueira acesa ao longe, numa elevação do terreno, brilha por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros, há um caminho ascendente; ao longo do caminho, imagine um pequeno muro, semelhante aos tapumes que os manipuladores de marionetes armam entre eles e o público e sobre os quais exibem seus prestígios.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

Essa narrativa de Platão é uma importante manifestação cultural do pensamento grego antigo, cuja ideia central, do ponto de vista filosófico, evidencia o(a)

- caráter antropológico, descrevendo as origens do homem primitivo.
- sistema penal da época, criticando o sistema carcerário da sociedade ateniense.
- vida cultural e artística, expressa por dramaturgos trágicos e cômicos gregos.
- sistema político elitista, provindo do surgimento da pólis e da democracia ateniense.
- teoria do conhecimento, expondo a passagem do mundo ilusório para o mundo das ideias.

20. (ENEM 2014)



SANZIO, R. Detalhe do afresco *A Escola de Atenas*. Disponível em: <http://fil.cfh.ufsc.br>. Acesso em: 20 mar. 2013.

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a

- a) suspensão do juízo como reveladora da verdade.
- b) realidade inteligível por meio do método dialético.
- c) salvação da condição mortal pelo poder de Deus.
- d) essência das coisas sensíveis no intelecto divino.
- e) ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

## GABARITO

1. C      2. B      3. C      4. A      5. D  
6. B      7. A      8. B      9. A      10. C

11.

A *República* pertence ao rol de utopias políticas construídas ao longo da história. Platão quer, diante de uma Atenas com forte influência da sofística e triunfo dos oradores mais habilidosos, pensar um novo modelo político que possa concretizar de fato as virtudes. Sobretudo, a mais elevada, que é a justiça. Um governo não deve ser obra dos mais fortes, como afirma Trasímaco no livro I de *A República*, ou dos mais competentes na arte de proferir discursos que enganam. O governo deve ser exercido pelos mais sábios, que alcançam a contemplação do Bem, fonte ou causa de todo conhecimento e de toda a verdade. É nesse contexto que se insere a ideia platônica do governo do rei filósofo necessário para constituir uma cidade virtuosa. Platão propõe uma espécie de epistemo-cracia. O filósofo, por uma comunhão com a Verdade, é aquele que se dedica com afinco ao estudo das diversas ciências. Platão propõe que, para chegar à função de comando, o governante deve antes passar pelo estudo de uma gama variada de conhecimentos (ciências) e que saiba fugir das sensações com o objetivo de contemplar as essências, ou seja, que consiga necessariamente distinguir o conhecimento (“episteme”) da opinião (“doxa”). O filósofo é aquele que sabe diferenciar as essências do que é mutável e passageiro. O filósofo é avesso à mentira e amigo da justiça. Metaforicamente, Platão compara a cidade a um navio. Nele, estão os armadores, marinheiros e o piloto. Os armadores correspondem ao povo. São fortes, mas não possuem muita clareza acerca da navegação. Os marinheiros são aqueles que lutam pela posse do leme, mas também não conhecem a arte de navegar. São como os chefes políticos. Por fim, restam os pilotos que, assim como os filósofos, são desprezados, mas detêm o conhecimento para bem conduzir o navio. O Estado terá uma boa condução quando à frente do governo estiver o filósofo ou então alguém que esteja imbuído da filosofia verdadeira. Com isso, teremos governantes justos.

12. D      13. D      14. B      15. C

16.

Na obra de Platão, os homens aprisionados representam os indivíduos que, segundo Platão, julgam possuir conhecimento, mas que, na verdade, se encontram “aprisionados” pelo senso comum e apenas reproduzem ideias baseadas nas aparências ilusórias do real, sem ter acesso à realidade de fato. O prisioneiro que se liberta, por sua vez, representa o indivíduo que superou o estado de ignorância, podendo, portanto, apreender a realidade plena. Para Platão, esse indivíduo é o filósofo.

17. D

18.

A concepção de justiça em Platão está ligada a uma concepção idealista onde esta somente ocorre na cidade que educa seus cidadãos. Platão segue uma orientação ética na qual o foco reside no ensinamento do homem para que este despreze os prazeres, as riquezas e as honras. A finalidade do homem em Platão é procurar transcender a realidade, procurar um bem superior. Isto somente pode acontecer em um modelo ideal de cidade. A cidade de Calípolis descrita no livro da *República* representa um local no qual se torna possível dar a cada um aquilo que lhe é próprio. Este conceito assume uma postura central dentro da organização da república platônica. Existe baseado nesta teoria um sistema educacional a fim de orientar cada um segundo suas aptidões. Ou seja, para Platão cada cidadão deve oferecer o melhor de si para que a cidade prospere. Platão parte de uma concepção aristocrática, dividindo a sociedade em classes, guerreiros, comerciantes e administradores, para que cada um desempenhe seu papel de forma a guiar a cidade para a prosperidade e faz com que cada um encontre sua realização naquilo que lhe for próprio de sua natureza. Desta forma, a justiça é equilíbrio e não se limita apenas a restaurar o que lhe foi tirado, mas também busca proporcionar condições para o desenvolvimento de cada cidadão.

19. E      20. B